



DARIO MONTESANO

Silvio Soares Macedo

SOBRE O DARIO MONTESANO

Recebi um e-mail convidando para falar do Dario e lembrei-me imediatamente de contar e dividir com todos algumas lembranças simpáticas de meu primeiro professor na FAU.

Entrei em 1970, na primeira turma de 150 alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, para variar, uma turma que foi cobaia de uma inovação, a chamada “tempestade de informações”, uma das tantas experiências didáticas horrorosas e que não deram certo na FAU. Juntavam a turma de calouros com um bando de 15 professores em uma sala. Ela a cada dia ouvia uma aula de um daqueles esforçados mestres – não me lembro de nenhuma, depois mandaram que fizéssemos equipes de 20 alunos (um absurdo didático, hoje eu sei) e depois mandavam fazer um trabalho qualquer, de projeto, que tinha como prazo final de entrega o fim do ano?

Como se pode observar, tudo era muito simplório e, por que não, um tanto irresponsável, mas para nós, ingênuos e esforçados calouros, era uma coisa até boa e uma chance de darmos vazão ao sonho de sermos arquitetos. Escolhemos fazer conjuntos habitacionais – vários, eu disse vários – e assim saímos “correndo atrás”, buscando informações, fazendo entrevistas e, praticamente, sem orientação nenhuma. Depois de um tempo viram que não dava certo e ganhamos um tutor – o Dario Montesano, naquela época, já pouco gordo (não muito), jovem e teimoso (como sempre), mas um professor muito esforçado, que pegou aquele grupo de gente nova e interessada e começou a introduzir-nos aos conhecimentos do Le Corbusier.

O Dario era fanático por esse mestre, que havia pregado princípios modernistas pelo mundo afora, até no Brasil, e deu-nos, de fato, uma tempestade de informações sobre o referido senhor, tantas, que fomos totalmente embebidos de seu conhecimento e daí à

busca de contestação foi um passo, fomos estudar e descobrimos o Wright, o Mies (adoramos seu trabalho) e outros mais e discutimos muito com o “lecorbusiano” Dario de então.

O que marcou foi seu carinho conosco, estava com a gente quase toda a tarde lá no estúdio 4, nosso refúgio do lotado estúdio 1, nosso estúdio particular. Naquele tempo só o primeiro e o segundo anos ficavam na FAU em seus respectivos estúdios, o resto era, como dizia a Renina Katz, “um deserto horrendo” e era tudo vazio mesmo.

Foram dois meses de muita discussão e agora tenho saudades de nossas brigas e dúvidas que indicavam haver algo mais na terra além dos ensinamentos de Le Corbusier e o Dario foi o mote da discussão e o professor companheiro, um tanto irascível, mas também muito amigo. Foram bons meses lá no distante 1970 com Dario conosco e os amigos e colegas de nossa primeira equipe: o Sun Alex, a Elisabeth Salgado, a Maria Inez Matiazzo, o Vagner Almeida, o Benedito Abbud, o Irineu Mangilli, o Gianelli, o Cristiano Ramsthaler e tantos outros, enfim, tempos felizes e úteis para nossa formação. Como resultado, bons estudos para um conjunto habitacional de casas em um terreno em Santo Amaro. E assim terminou nosso primeiro contato.

Entreí na FAU, como docente muito jovem, em 1976, e então tive todos aqueles mestres, de poucos anos atrás, como colegas. Para mim, um muito jovem professor, era como se fosse um patinho feio ao lado dos “monstros” da arquitetura e do projeto. Mas crescemos e eu virei doutor, livre-docente e um dia, em uma matéria de uma especialização, quem vira meu aluno? – o Dario Montesano, e tudo começou de novo, só que agora eu era o professor.

A matéria era sobre desenho urbano e o Dario, comportado, simples e dedicado, a tudo ouviu e para mim tudo isso era estranho, meu professor irascível, agora aluno, escutando-me sem contestar, com um respeito que nunca esperei. Como resultado, um trabalho final lindo, cuidadoso, todo a lápis, com desenhos maravilhosos de espaços urbanos, com perspectivas e cortes extremamente precisos, que, infelizmente, perderam-se, mas, em minha mente, estão vivos. O Dario desenhava muito bem, de um jeito que não me lembrava de ter visto ele fazer, enfim, um tempo feliz, com surpresas e o aprendizado de um velho aluno e professor.

Nos anos seguintes os encontros entre nós eram constantes, mas curtos, como sempre foram na FAU, e assim continuou minha relação com o Dario, cordial, mas somente nas reuniões e corredores em intervalos de aulas. Nosso contato, entretanto, não terminou por aí, ele entrou de novo em minha vida, agora como músico e instrumentista.

Todos sabem que gosto de cantar, canto em coral desde 1972 e estudo canto há muitos anos e foi assim que um dia, já estando a organizar a série FAU em Concerto há algum tempo, deu-se o último encontro feliz (FAU em Concerto é uma série de concertos que organizo desde 1997, e durante o ano traz músicos e cantores para espetáculos de música erudita de câmara, durante os fins de semana, lá na Vila Penteadó).

A escola resolveu fazer um evento musical comemorativo na FAU-Maranhão, congregando professores que faziam música e pediram-me para organizar o espetáculo. Naquela época o Dario tocava piano em um conjunto do qual faziam parte o Carlos Zibel Costa, ao sax, e o Caio, na guitarra; o grupo fazia música

brasileira e eles foram convocados para o espetáculo. Como eu só sei cantar, não toco nenhum instrumento, naturalmente lá fui eu escolher algumas canções para cantar e ser acompanhado por eles, e foi tudo muito divertido. Primeiro eles tocavam muito bem, com um *swing* sensacional e o Dario era um excelente pianista que “curtia” muito tocar e deu-se muito bem no maravilhoso piano de meia cauda alugado para a ocasião.

Havia apenas um pequeno problema – com a idade, ele tinha ficado um tanto surdo e tocava muito forte, não existiam “*mezzo forte*” nem “pianos”, mas o som era muito bom e assim começamos a ensaiar e, no dia, graças a um bom microfone, consegui esperar o som alto do piano e dos demais instrumentos. O show foi muito bem e a lembrança que ficou foi eu cantando *Apelo*, de Vinícius de Moraes e Baden Powel, com a banda ao fundo e o som do piano do Dario.

Depois dessa vez não tive a chance de fazer outros espetáculos com os rapazes, mas em minha memória ficou essa noite feliz, na FAU-Maranhão, o grupo fazendo um belo espetáculo e eu ali cantando – uma das coisas das quais mais gosto de fazer.

Os anos se passaram, o Dario se aposentou e aí não o vi mais a não ser de uma maneira fugidia, perto de minha casa, na Vila Romana (SP), pois ele morava por ali quando passou por mim e acenou.

Março de 2011, o Dario se foi ao final de 2010, no período do Natal, e acabou um contato feliz, do professor teimoso e dedicado, do aluno aplicado e do pianista, enfim, de uma “figura” da FAU, de um sujeito a ser lembrado.

Silvio Soares Macedo

Aluno de graduação da FAUUSP 1970-1974, professor titular de Paisagismo do Departamento de Projeto.